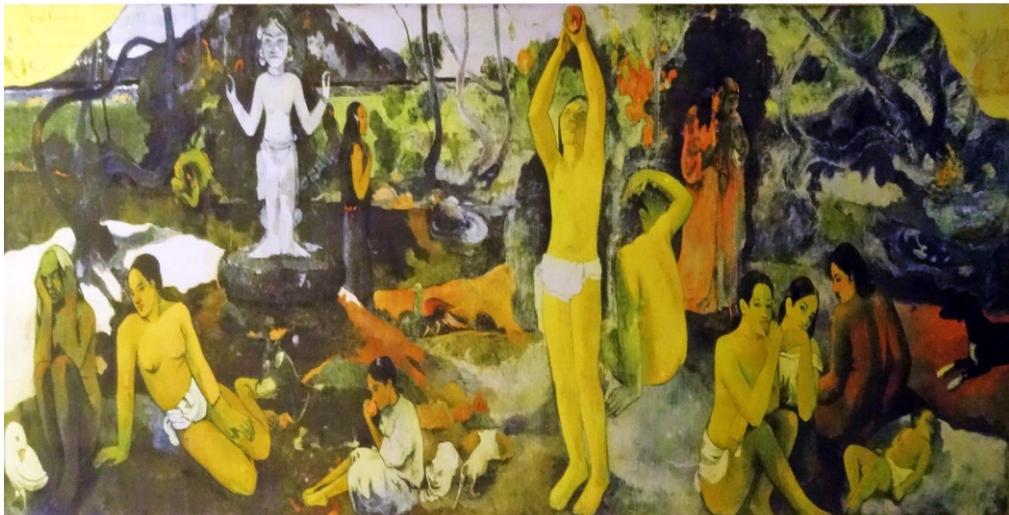
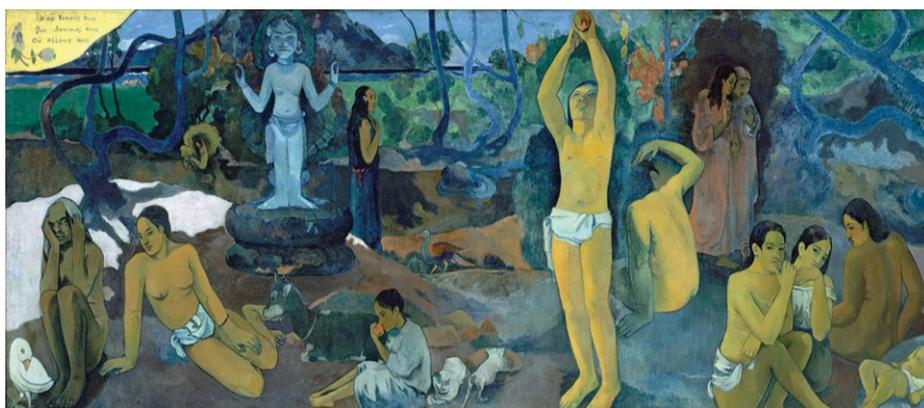


**"D'OÙ VENONS NOUS? QUE SOMMES  
NOUS? OÙ ALLONS NOUS?"  
BREVE REFLEXÃO SOBRE O SENTIDO DA  
VIDA**



***Maria Laura Bettencourt Pires  
Universidade Católica Portuguesa***



Inspirada pela magnífica obra de arte de Paul Gauguin (1848-1903), de que incluo uma imagem, decidi atribuir a este artigo, em que faço uma "Breve Reflexão sobre o Sentido da Vida" o mesmo título que o famoso artista deu à pintura<sup>2</sup> que ele próprio, aliás, considerava como o seu testamento cultural por ser a melhor que tinha produzido<sup>3</sup>. A escolha pareceu-me justificada por, na sua colorida e enigmática tela de grandes dimensões, que contém várias figuras

---

<sup>1</sup> NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA - Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática de Estudos Ingleses e Americanos, Investigadora Sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Directora da revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica, Presidente da Direcção de "Fulbrighters Portugal" e membro do Conselho Consultivo do Projecto Europeu "Educating for Global Peace". Entre as suas actividades académicas, destacam-se: a docência e a coordenação (cursos de Mestrado, Doutoramento e Pós-Graduação; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica e Projectos de Investigação). Ensinou também nas Universidades Nova e Aberta. Nos EUA, foi "Gulbenkian Fellow", "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellow"; "Fulbright Scholar" e "Visiting Researcher" e ensinou nas Universidades de Georgetown, Brown e Fairfield. Além de organizar colóquios internacionais e de proferir várias conferências e palestras, publicou como co-editora: *As Humanidades e as Ciências-Dois Modos de Ver o Mundo* (2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (2011); *Nova Iorque-De Topos a Utopos* (2009) e *Landscapes of Memory* (2004) e como autora: *Intelectuais Públicas Portuguesas-As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (<sup>3</sup>2011, <sup>2</sup>2006, <sup>1</sup>2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de vários editoriais, prefácios, ensaios e artigos em volumes de homenagem, revistas, jornais e enciclopédias.

<sup>2</sup> O quadro pintado a óleo sobre tela (139x375 cm), que foi exposto pela 1ª vez em 1897, encontra-se actualmente no Museum of Fine Arts, em Boston (EUA). Gauguin escreveu o título *D'OU VENONS NOUS/QUE SOMMES NOUS/OU ALLONS NOUS* (em maiúsculas e sem pontos de interrogação) no canto superior esquerdo e no lado oposto escreveu a data (1897) e assinou *PGauguin*

<sup>3</sup> Sobre o painel, o próprio Gauguin escreveu: "Creio que esta pintura não só ultrapassa todas as anteriores como que jamais virei a fazer algo de melhor nem sequer semelhante." Vidé Paul Gauguin, *The Letters of Paul Gauguin to Georges Daniel de Monfreid*, New York: Dodd, Mead, Co., 1922.

simbólicas numa paisagem em que se vêem as montanhas e o mar de Taiti, na Polinésia, o pintor pós-impressionista nos dar uma visão da vida humana, referindo-se, de forma poética e metafórica, a duas das mais importantes questões da nossa existência: a procura do sentido da vida e a inevitabilidade da morte.

Na extrema direita, vemos um bebé, no centro, um grupo de adultos e no canto esquerdo, uma mulher idosa e moribunda e, junto dela, um pássaro branco, segurando um lagarto, que, segundo o artista, simboliza "a futilidade das palavras" que não evitam a morte. A descrição, escrita pelo próprio Gauguin em 1898, esclarece a iconografia idiossincrática da pintura e convida-nos a "ler" a imagem pois o pintor sugere que as figuras têm sentidos simbólicos que poderão responder às questões levantadas pelo título. A leitura deve ser feita da direita para a esquerda começando com a criança, que corresponde ao início da vida ("De onde viemos?"), seguindo-se a figura de pé – a idade adulta ("Onde estamos?") – e acabando à esquerda com a mulher no final da vida e resignadamente aceitando a morte ("Para onde vamos?"). Conclui, orgulhosamente, dizendo que pensa ter feito uma obra "filosófica sobre um tema comparável ao do Evangelho" e considerando a sua pintura uma meditação filosófica sobre o "sentido da vida".

No âmbito da história da arte, toda a magnífica obra de Gauguin e a sua notoriedade contribuíram para libertar a pintura da representação mimética, que antes a caracterizava, e difundiram o recurso à distorção da forma a favor de efeitos expressivos<sup>4</sup>. A demanda que o artista empreendeu nesse sentido levou-o a evadir-se para culturas menos industrializadas, exilando-se em Taiti, uma pequena ilha tropical no outro lado do mundo, onde passou a preencher as suas telas com imagens esotéricas que não inspiravam interpretações claras pois, segundo ele e decerto inspirado por Mallarmé, os atributos elucidativos, ou os símbolos

---

<sup>4</sup> Os textos de Jean Moréas (*Le Figaro*, 1886) e do poeta Stéphane Mallarmé - que afirmava: "Nommer un objet c'est supprimer les trois quarts de la jouissance du poème qui est faite du bonheur de deviner peu à peu; le suggérer voilà le rêve." (Albert Thibaudet, *La Poésie de Stéphane Mallarmé*, Paris: Gallimard, <sup>5</sup>1930, pp. 109) - contribuíram também para o movimento do Simbolismo, que corresponde a uma síntese da forma e do sentimento, da realidade e da subjectividade dos artistas e para a consequente rejeição do Naturalismo, levando os pintores a pensarem que a arte devia reflectir uma emoção e não representar o mundo objectivo de forma quase científica.

conhecidos, iriam "congelar" a pintura numa realidade melancólica e o problema suscitado deixaria de ser um "poema".

A pergunta "Que sentido tem a vida?" que Gauguin faz, é, sem dúvida, uma das mais fascinantes e difíceis que os seres humanos, desde sempre, têm feito. Contudo, na nossa cultura cada vez mais secularizada, trata-se de uma questão para a qual nos sentimos inevitavelmente atraídos. Procurar um sentido para a vida pode levar-nos a ver um objectivo e um significado em tudo o que fazemos e a dar-nos esperança no futuro - concluindo assim que a nossa existência não resulta de um acaso fortuito mas que tem "essência" - ou a reflectirmos sobre o versículo da Carta de S. Tiago (4.14) "Que é a vossa vida? Uma neblina que aparece por um instante e depois desaparece!"<sup>5</sup>. Se a nossa vida é como uma neblina que o vento dispersa, devemos inferir que vale a pena investirmos na bondade e no amor ao próximo assim como em perdoar e sorrir perante a adversidade.

Para a minha breve reflexão sobre o tema, que, perante a polaridade de perspectivas culturais, procurei fazer com humildade e convicção, foi igualmente importante a leitura da Carta Encíclica *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI<sup>6</sup> que afirma que a principal força propulsora para o verdadeiro desenvolvimento de toda a humanidade é o amor (*caritas*) que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz e que é o princípio não só das microrelações estabelecidas entre amigos e na família mas também das macrorelações como relacionamentos sociais, económicos e políticos<sup>7</sup>.

Ao escolher o subtítulo deste texto, tenho consciência de que o sentido da vida é uma das mais importantes e debatidas questões sobre a qual, ao longo do tempo, inúmeros pensadores, escritores e filósofos, tais como entre outros, Sto. Agostinho

---

<sup>5</sup> *Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral, Lisboa: Paulus, 1993, p. 1777.

<sup>6</sup> Carta Encíclica *Caritas In Veritate* do Sumo Pontífice Bento XVI aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, às Pessoas Consagradas, aos Fiéis Leigos e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade.

<sup>7</sup> Carl Anderson, na sua obra *A Civilization of Love-What Every Catholic Can Do to Transform the World*, difunde as ideias dos Papas Bento XVI e João Paulo II.

(354–430)<sup>8</sup>, Descartes (1596–1650)<sup>9</sup>, Freud (1856-1939)<sup>10</sup>, Camus (1913–1960)<sup>11</sup>, Spinoza (1632-1677)<sup>12</sup>, Pascal (1623-1662)<sup>13</sup>, Darwin (1809-1882)<sup>14</sup> e Wittgenstein (1899-1951)<sup>15</sup> já se debruçaram. Perguntei-me, portanto, logo de início, como poderia eu pretender incluir algo de novo, ou mesmo simplesmente participar, numa discussão sobre a visão do mundo com este âmbito e nível intelectual, sobretudo num espaço tão limitado como um artigo de revista.

Contudo, apesar de consciente das múltiplas interpretações, tanto objectivas como subjectivas, decidi reflectir sobre "O significado da vida" - embora modestamente, e sabendo que não detinha todas as respostas - mas procurando, com coragem e honestidade intelectual, fazer uma breve exposição sobre o tema que, de algum modo, fosse um ponto de partida para ponderação e, eventualmente, contribuísse para a pesquisa em curso levando outros investigadores, porventura mais jovens, também a meditarem sobre ele, embora ciente de que, como já

---

<sup>8</sup> A propósito do conceito de *caritas*, ou amor ao próximo, de Sto. Agostinho ver Hannah Arendt, *Love and Saint Augustine*, Chicago: University of Chicago Press, 1996 e Henri-Irénée Marrou, *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, Paris: E. Boucard, 1949.

<sup>9</sup> V. *Les Passions de l'âme* (1649) onde Descartes, abandonando a metafísica medieval a favor da epistemologia, afirma que a virtude consiste no raciocínio correcto que deve guiar as nossas acções.

<sup>10</sup> Em *New Introductory Lectures on Psycho-analysis* (1933) Freud elucida-nos sobre o que para ele é a visão do mundo: "By *Weltanschauung*, then, I mean an intellectual construction which gives a unified solution of all the problems of our existence in virtue of a comprehensive hypothesis, a construction, therefore, in which no question is left open and in which everything in which we are interested finds a place. It is easy to see that the possession of such a *Weltanschauung* is one of the ideal wishes of mankind. When one believes in such a thing, one feels secure in life, one knows what one ought to strive after, and how one ought to organise one's emotions and interests to the best purpose."

<sup>11</sup> Albert Camus, no ensaio *Le Mythe de Sisyphe* (1942), que faz parte do que foi classificado como o seu "ciclo do absurdo", afirmava: "Juger que la vie vaut ou ne vaut pas la peine d'être vécue, c'est répondre à la question fondamentale de la philosophie" e pensava que o que tornava a condição humana absurda era a procura por significado num mundo que não o tinha.

<sup>12</sup> Benedictus ou Baruch Spinoza, o grande filósofo de ascendência judaico-portuguesa, nas suas obras sobre Ética e Política, fala igualmente de virtude e felicidade.

<sup>13</sup> Em *Pensées* (1670), Pascal escreveu: "Mais quand j'ai pensé de plus près et qu'après avoir trouvé la cause de tous nos malheurs j'ai voulu en découvrir la raison, j'ai trouvé qu'il y en a une bien effective et qui consiste dans le malheur naturel de notre condition faible et mortelle, et si misérable que rien ne peut nous consoler lorsque nous y pensons de près".

<sup>14</sup> Em 1859, Darwin respondeu sucintamente à pergunta que nos interessa dizendo: "Estamos aqui porque evoluímos."

<sup>15</sup> Ludwig Wittgenstein, em *Tractatus Logico-Philosophicus* [1921], afirma que o que é místico não é a forma que o mundo tem mas sim que o universo exista. (6.44). E afirma: "We feel that even if all possible scientific questions be answered, then problems of life have still not been touched at all. Of course there is then no question left, and this is the answer. The solution of the problem of life is seen in the vanishing of this problem." (6.52.6.251).

referido, inquirir sobre o sentido da vida pode ser considerada uma das mais problemáticas interrogações que podemos fazer e que, ao longo dos séculos, tem tido as mais variadas respostas, de intelectuais famosos, como, além dos acima mencionados, Shakespeare (1564-1616)<sup>16</sup>, Schopenhauer (1788-1860)<sup>17</sup>, Marx (1818-1883)<sup>18</sup> e Beckett (1906-1989)<sup>19</sup>.

Hoje em dia, neste nosso mundo, que necessita urgentemente de redenção, e que já foi sintomaticamente designado como "pós-Auschwitz", são muitos, mesmo entre os mais cultos, os que se debatem com a sensação de que a sua vida não tem sentido e pretendem preenchê-la com os mais variados interesses como os relacionados com *football*, *Kabbala*, cientologia ou "New Age". Outros pensam que a vida é um acidente evolutivo que não tem qualquer significado intrínseco e interrogam-se sobre o motivo porque se sentem vazios e a sua existência não tem um objectivo, esquecendo-se que são eles próprios quem lhe deve dar sentido. Pensam, tal como disse Sartre que: "L'homme est une passion inutile"<sup>20</sup> pois está destinado a falhar na sua inútil procura pelo sentido da vida porque, apesar de uma incessante busca, vê que ela não tem significado e, por isso, fica frustrado e angustiado e ocupa-se com actividades inúteis porque, para que o homem fosse "útil", deveria ter um *telos* ou objectivo transcendente antes de existir ou, como diz Sartre em termos filosóficos: "l'existence précède l'essence"<sup>21</sup>.

Apesar de se tratar de uma questão ancestral, foi durante o século XX, talvez por ser uma época histórica especialmente sangrenta e em que houve uma secularização crescente, que mais se inquiriu sobre o sentido e o valor da vida. Para tal deve ter

---

<sup>16</sup> Embora não seja indicada a referência bibliográfica, a frase "The meaning of life is to find your gift. The purpose of life is to give it away." é tradicionalmente atribuída a Shakespeare.

<sup>17</sup> V. Arthur Schopenhauer, *On the Basis of Morality*, onde o filósofo, na sua visão ética do sentido da vida, reitera que a moralidade provém da compaixão.

<sup>18</sup> Erich Fromm, na sua obra *Marx's Concept of Man* (1965) cita Marx que, a propósito da natureza humana, afirmava: "Nem a posse, nem o poder, nem a satisfação sensual, tal como Fausto nos ensina, pode satisfazer o desejo do homem pelo sentido".

<sup>19</sup> No estilo enigmático que o caracteriza, Samuel Beckett debruça-se sobre o tema do sentido da vida na sua famosa peça *En attendant Godot* (1953).

<sup>20</sup> Jean-Paul Sartre. *L'être et le néant*, Paris: Éditions Gallimard, 1943, Parte 4, Capítulo 2, p. III.

<sup>21</sup> Após a publicação de *L'être et le néant*, Sartre defendeu o existencialismo e falou da ligação entre liberdade e responsabilidade na conferência *L'existentialisme est un humanisme*, apresentada em Paris, no Club Maintenant em 1945 e, em 1946, na Sorbonne.

contribuído o *modus vivendi* capitalista, dedicado apenas ao lucro e ao poder - obtidos por manipulação das forças comerciais e divulgados por uma comunicação social sem escrúpulos - mais do que tendo em vista o desenvolvimento dos valores da partilha e da solidariedade. Perante o predomínio de interesses de ordem económica e da mercantilização do saber, que levaram a que as energias criativas fossem investidas sobretudo em questões utilitárias, tal como Sartre, muitos pensadores do século XX consideram o medo, a ansiedade, a "náusea" e o absurdo como características da condição humana e que a vida é circunstancial e imprevista. A este propósito - e ao contrário do que sucedia anteriormente quando o sentido da vida significava "actuar tal como os antepassados" - ocorrem os nomes de T. S. Eliot, Franz Kafka ou Gilles Deleuze, que levaram a secularização mais longe e pensavam que o significado já não era uma essência espiritual escondida sob a superfície das coisas.

Em alternativa, para eventual surpresa de alguns e contrariando esta tendência, e porque as suas afirmações enfatizam aquilo que acima afirmámos, surge a figura de Albert Einstein (1879-1955) que também se interessou pelo tópico do objectivo da vida, chegando a ligá-lo a um sentido de religiosidade como é evidente nesta citação da sua obra *The World as I See It*:

"What is the meaning of human life, or, for that matter, of the life of any creature? To know an answer to this question means to be religious. You ask: Does it have any sense, then, to pose this question? I answer: The man who regards his own life and that of his fellow creatures as meaningless is not merely unhappy but hardly fit for life. I have never looked upon ease and happiness as ends in themselves - this critical basis I call the ideal of a pigsty. The ideals that have lighted my way, and time after time have given me new courage to face life cheerfully, have been Kindness, Beauty, and Truth. Without the sense of kinship with men of like mind, without the occupation with the objective world, the eternally unattainable in the field of art and scientific endeavors, life would have seemed empty to me. The trite objects of human efforts -- possessions, outward success, luxury -- have always seemed to me contemptible."<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> *The World as I See It*, Create-Space Independent Publishing Platform, 2014 (Tradução do original alemão *Mein Weltbild. Wie ich die Welt sehe*, 1949).

Por outro lado, o momento que vivemos actualmente - e até aquilo que já foi designado como "jeremiada da crise", devido às ameaças à paz e à segurança e ao predomínio do medo e do antagonismo que levam muitos a perderem a esperança - parece revelar um potencial de questionar e de evidenciar os problemas que se afiguram como relevantes como é, sem dúvida, o do sentido da vida. Ao reflectir sobre os resultados de comportamentos não éticos, que promoveram o descontentamento generalizado, chega-se à conclusão que é indispensável viver em harmonia e voltar a integrar a dimensão humana no mundo das finanças, olhando para além do crescimento económico e procurando o bem estar e a felicidade para todos. Para atingir esse objectivo, considerando as aspirações da humanidade e o seu futuro, impõe-se ponderar sobre as visões humanistas ou "transhumanistas"<sup>23</sup> e sobre a sabedoria acumulada ao longo dos séculos. Conclui-se, portanto, que a reflexão (*intellectus*) é indispensável para servirmos a humanidade pois, ao aprofundar o conhecimento, ajuda-nos a compreender que as acções que praticamos têm consequências que irradiam para todo o mundo, tais como o despojamento da natureza ou a alteração do clima.

É de referir a este propósito que o Papa Francisco, em 2014, ao falar da sua visão para a sociedade, perante um cosmos "onde tudo está sujeito às leis da competição e da sobrevivência do mais capaz e onde os poderosos se alimentam dos que não têm poder", na sua *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*<sup>24</sup>, nos incentiva a reflectir sobre o mundo que queremos e que não deve ser apenas centrado nos bens materiais, estando, por isso, na altura de se encorajarem os ideais humanistas, dizendo: "Não a uma economia da exclusão" [53-54]; "Não à nova idolatria do dinheiro" [55-56] e "Não à desigualdade social que gera violência" [59-60].

Na mesma linha de pensamento, na sua mensagem no World Economic Forum, em Davos, fez considerações humanistas e manifestou a sua preocupação, falando

---

<sup>23</sup> Luc Ferry, em *La révolution transhumaniste* (Paris: Plon, 2016) fala das consequências nefastas das revoluções económicas e científicas e dos progressos das "tecnociências".

<sup>24</sup> *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Actual.*

de "dignidade dos homens" e de "bem comum" e fazendo um apelo a um "renovado, profundo e abrangente sentido de responsabilidade", que exija mais do que crescimento económico, requerendo uma "visão transcendente e uma abordagem verdadeiramente ética da humanidade", que nos assegure que os homens se servem da riqueza mas não são governados por ela.<sup>25</sup>

Além dos supra mencionados, há intelectuais da nossa época, cujas teorias nos ajudam a reflectir mais profundamente e, entre eles, destaco Martha Nussbaum, que, através da sua vasta obra<sup>26</sup>, nos diz que apenas uma existência bem vivida e virtuosa permite a felicidade. Referindo-se à *eudaimonia* que, segundo Aristóteles, resulta do florescimento dos homens através de acções, afirma que precisamos da virtude para nos guiar numa acção que beneficie a todos. Na mesma ordem de ideias, considera que *Philia*, a amizade, que os Gregos consideravam a coroa da vida, facilita a virtude e que a beleza interior pode assim ser cultivada sendo formada nas crianças através da educação.

Aborda o tema da importância e da necessidade de reforma da pedagogia na nossa sociedade deshumanizada - onde há declínio da imaginação, do julgamento independente e da capacidade de resistir à manipulação - defendendo que se devem desenvolver não apenas as capacidades práticas mas também as cognitivas e, portanto, todas as facetas da personalidade humana. Defende uma orientação humanista e interactiva, tanto na educação como na cultura, que contribua para potencializar a consciência da dignidade humana. Fala, igualmente, do papel da compaixão, que implica ter um envolvimento emocional com os outros e querer aliviar a sua dor, tomando consciência cognitiva dos pensamentos, intenções e sentimentos dos nossos próximos.

Relativamente ao perigo de se reduzir a motivação dos homens apenas ao meramente económico e ao facto de o pragmatismo reflectir "uma sociedade que

---

25 V. Mensagem do Santo Papa Francisco ao World Economic Forum Annual Meeting, que teve lugar em Davos-Klosters, na Suíça, em Janeiro de 2014.

<sup>26</sup> Da sua vasta bibliografia, cuja leitura recomendo por estar relacionada com o tópico deste artigo, destaco: *The Quality of life*, Oxford: Clarendon Press, 1993; *Anger and Forgiveness: Resentment, Generosity, Justice*, Oxford: Oxford University Press, 2016 e "Compassion: The Basic Social Emotion", in *Social Philosophy and Policy* 1996,13 (1) p. 27.

não tem tempo para recordar e meditar"<sup>27</sup> e na qual a procura da verdade e de um objectivo com sentido perderam o seu lugar e deixaram de ser apelativos, muitos consideram que a culpa é da idealização da tecnologia<sup>28</sup>, do mito do progresso científico e da desvalorização de todas as actividades humanas que não sejam as económicas, havendo, por isso, uma racionalização da vida social, económica e administrativa que enfatiza a importância crucial da reflexão e de actuação ética. Quanto às críticas ao facto de actualmente se avaliarem as pessoas pelo seu poder de compra, é justo recordar que, já em 1817, Coleridge<sup>29</sup> criticou a economia política e o utilitarismo, dizendo que a felicidade é mais do que a maximização do prazer, que a condição humana é complexa e falando de cultura e de educação.

Neste âmbito, e entre aqueles que criticam que se considere o GDP (*Gross Domestic Product*) como indicador do progresso social, temos inevitavelmente de referir o nome de Amartya Sen<sup>30</sup>, da Universidade de Harvard, que considera que a justiça está ligada à capacidade humana e, por isso, pretende acabar com a iniquidade. Sen foi um dos fundadores da Comissão criada em 2008 devido à insatisfação com o estado da informação estatística sobre a economia e a sociedade, com o objectivo de identificar os limites do PIB (Produto Interno Bruto) como indicador de desempenho (*performance*) e desenvolvimento social, incluindo os problemas com o seu cálculo e relatório sobre a produção de instrumentos alternativos e mais relevantes para o avaliar.

Ao procurarmos um significado para a vida vemos que apenas o poderemos encontrar se orientarmos a nossa existência de acordo com determinados valores como o amor pelos outros, a moralidade e a verdade. Verificamos também que temas como "o valor da vida" ou "como viver com ética" permeiam muitos dos discursos filosóficos e da epistemologia analítica e que nem os chamados

---

27 V. Max Horkheimer, *The Eclipse of Reason*, Continuum International Publishing Group, 2004, [1947].

28 V. Jacques Ellul, *Le Système technicien*, Paris: Cherche Midi, 2012 [1977], que distingue entre uma simples operação técnica e o "sistema técnico", que inclui todos os métodos de organização da vida social e do trabalho (Taylorismo) e a burocracia.

29 Samuel Taylor Coleridge, *A Lay Sermon, Addressed to the Higher and Middle Classes, on the Existing Distresses and Discontents*. London: Gale & Fenner, 1817.

30 V. *Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress*.

"positivistas lógicos" do século XX<sup>31</sup> conseguiram evitar o tópico do "significado de mundo" ou "o motivo porque estamos aqui".

Reflectindo sobre a matéria, concluímos também que as actividades com sentido são orientadas sobretudo pela nossa auto-realização e que o significado depende apenas de nós próprios, sendo não uma solução do problema mas sim uma questão de viver de um certo modo. Trata-se de uma demanda ética, e não metafísica, que torna a vida digna de ser vivida e lhe dá profundidade e veemência. Perguntas como as que Gauguin fez "*D'où venons nous? Que sommes nous? Où allons nous?*" levam-nos a concluir que o sentido do mundo pode ser encontrado de vários modos e que a sua demanda pode ser um percurso, que, além de pessoal, seja emancipatório e inspirador e que está ao alcance de todos. Para empreender essa trajectória, necessitamos de reflectir ao longo de uma vida de perscrutação intelectual que nos poderá levar a concluir que o sentido da vida é um tipo de sabedoria que, uma vez atingida, nos enriquece por nos revelar muitos dos mistérios implícitos na visão do mundo.

Verificamos igualmente que não se trata de uma única questão mas sim de um conjunto de interrogações como, entre outras: "Porque estamos aqui?", "Qual é o objectivo da vida?", "Será que há um propósito oculto na existência humana?" ou "Estou neste mundo para ajudar os outros ou apenas a mim própria?". Alguns autores das mais variadas áreas, como filosofia, religião, literatura e psicologia, crêem, como acima referido, que a questão sobre o sentido da vida é um dos mais significativos problemas com que nos defrontamos<sup>32</sup> e, ao considerarem todas as respostas, máximas e directivas que têm sido dadas pelos que se interrogam sobre o objectivo da nossa existência, seleccionam apenas algumas respostas tais como:

---

31 Até Monty Pyton, de uma perspectiva humorística, em 1983, pretendeu responder à importante questão num filme cómico musical inglês intitulado *The Meaning of Life*. Douglas Adams fê-lo também, em *The Hitch Hiker's Guide to the Galaxy*, um programa de rádio da BBC (1978), que foi adaptado a outros formatos como romances, peças de teatro, livros infantis, séries televisivas (1981), jogos de computador (1984) e filmes (2005).

32 Julian Baggini, *What's It All About: Philosophy and the Meaning of Life*, Oxford: Oxford University Press, 2007; Paul Ricoeur, *The Philosophy of Paul Ricoeur: An Anthology of his Work*, Boston: Beacon Press, 1978; Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, Berlin: Walter de Gruyter, <sup>19</sup>2006; *Daseins. Eine Erläuterung von "Sein und Zeit". Band 1: "Einleitung: Die Exposition der Frage nach dem Sinn von Sein"*. Frankfurt: Klostermann, 1987.

servir a humanidade, ser feliz ou ter sucesso. Entre eles, destaco Martin Heidegger (1889-1976), que afirma que os homens se distinguem dos outros seres vivos pela sua capacidade de pôr a sua própria existência em questão, e Paul Ricoeur (1913–2005), que pensa que o objectivo da nossa conduta é o bem dos outros e que o auto-conhecimento apenas deriva do entendimento da nossa relação com o mundo.

Perante a variedade, e até eventual contradição, das múltiplas respostas filosóficas à pergunta, verificamos que nem sempre se actua por interesse próprio ou por preocupação com o resto do mundo mas que as nossas vidas adquirem significado quando se é movido por algo que se considera merecedor de ser amado, ficando assim o entendimento da nossa existência articulado com o próprio acto de viver. Constata-se, portanto, que se justifica que nos debruçemos sobre "as explicações" encontradas por outros pois podem dar-nos uma matriz no âmbito da qual possamos tentar descobrir o sentido da nossa existência e do mundo, embora conscientes de que não há apenas uma leitura válida da realidade e que a variedade das interpretações leva a que sejam múltiplas as visões da vida implícitas nas diferentes culturas.

Conclui-se, por isso, que o sentido que procuramos pode ser encontrado de modos diversos e que a sua demanda tem potencial para ser um percurso pessoal e edificante, que nos torna responsáveis mas que é susceptível de ser empreendido por cada um de nós. Não se trata de uma solução para um problema mas de um modo de vida que dá elevação, riqueza e intensidade à nossa existência e que se alcança através da reflexão intelectual e da ponderação sobre aquilo que a propósito do tema já tantos eruditos, de Aristóteles a Nietzsche (1844-1900)<sup>33</sup>, pensaram ao formularem teorias sobre o objectivo da nossa vida. Ao referir-me à sabedoria dos grandes intelectuais do passado, estou implicitamente a fazer uma escolha (até, obviamente, por estar a escrever apenas um artigo) e, portanto, de certo modo, a dar uma perspectiva pessoal, embora sabendo que nunca haverá uma palavra

---

33 Nietzsche aborda o tema ao longo da sua obra falando de uma "força criadora para criar sentido". Em *The Will to Power* (London: Vintage, 1968, tradução de *Der Wille zur Macht*, 1901) afirma: "It is a measure of the degree of strength of will to what extent one can do without meaning in things, to what extent one can endure to live in a meaningless world because one organizes a small portion of it oneself."

conclusiva sobre a questão em parte porque cada um de nós tem de fazer as perguntas certas para ter respostas que o satisfaçam.

Há também, de uma perspectiva menos optimista, que ter em consideração todos os aspectos que parecem despojar a vida de sentido, tais como a morte, o sofrimento, a doença e a fome, que nos fazem pensar se vale a pena vivê-la e se a auto-realização é, de facto, um ideal coerente. Podemos também indagar sobre as perguntas filosóficas feitas a esse propósito, entre outros, por Aristóteles sobre o nosso potencial como "animais racionais"<sup>34</sup>, ou se, como nos diz Rousseau (1712-1778), devemos corresponder à nossa natureza original<sup>35</sup>, ou ainda, como se interroga John Stuart Mill (1806–1873), viver de acordo com os nossos desejos e na procura da felicidade<sup>36</sup>.

No final da minha demanda e tendo em consideração as leituras feitas, concluo que, embora não haja uma prescrição clara para se viver uma vida com sentido, são as capacidades e as vulnerabilidades dos seres humanos que lhes permitem actuar responsabilmente, demonstrando ter pelos outros a mesma consideração que têm por si próprios, e podendo assim viver em conjunto e sentir reciprocidade e amizade. Temos também de estar conscientes que cada pessoa que tem um comportamento virtuoso contribui para o bem estar de todos o que é uma pré-condição para a felicidade generalizada pois actuar eticamente e com sabedoria torna o mundo melhor e a virtude é facilitada pela compaixão e pelo amor, que levam ao altruísmo, à colaboração e à partilha, dando, portanto, sentido à vida.

Consciente de que as representações de beleza inspiram bondade e amor, podendo levar-nos à transcendência, termino esta reflexão, tal como a comecei, com uma referência a Paul Gauguin, que, demonstrando como meditava profundamente sobre o tema, escreveu:

---

34 Para Aristóteles, a felicidade é um modo de agir que apenas se atinge através da virtude, que é, sobretudo, uma prática social. Desenvolvendo a ideia da auto realização, afirma que sacrificar a nossa felicidade por amor de outrem é a mais admirável das acções e que são virtuosos aqueles que têm prazer em fazer o bem. V. *Ética a Nicómaco*, Lisboa: Quetzal Editores, 2009 [1350 a. C.].

35 Jean Jacques Rousseau, *Oeuvres complètes*, Paris: Gallimard, 1959-1995.

36 John Stuart Mill, baseado na sua teoria do utilitarismo, considera que apenas se dá sentido da vida se se escolher uma acção que tenha a máxima utilidade para o maior número de pessoas. V. Elijah Millgram, *Life in the Projects: John Stuart Mill and the Meaning of Life*, 2016.

*La vie est une chance, saisi-la. La vie est une beauté, admire-la. La vie est une béatitude, savoure-la. La vie est un défi, fais-lui face. La vie est un devoir, accomplis-le. La vie est précieuse, prends-en soin. La vie est une richesse, conserve-la. La vie est amour, jouis-en. La vie est un mystère, perce-le. La vie est promesse, remplis-la. La vie est tristesse, surmonte-la. La vie est un hymne, chante-le. La vie est une tragédie, assume-la. La vie est une aventure, ose-la. La vie est un bonheur, mérite-le. La vie est la vie, défends-la.*<sup>37</sup>

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CITADAS

- ANDERSON, Carl, *A Civilization of Love-What Every Catholic Can Do to Transform the World*, New York: Harper-One, 2008.
- ARENDT, Hannah, *Love and Saint Augustine*, Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, Lisboa: Quetzal Editores, 2009 [1350 a. C.]. Acessível em: Nichomachean Ethics, Internet Classics Archive, <http://bit.ly/tpMLV01>
- BAGGINI, Julian, *What's It All About: Philosophy and the Meaning of Life*, Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas In Veritate* do Sumo Pontífice Bento XVI aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, às Pessoas Consagradas, aos Fiéis Leigos e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Acessível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/en/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/en/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html)
- CAMUS, Albert, *Le Mythe de Sisyphe*, Paris: Ed. Gallimard, 1942.

---

<sup>37</sup> Acessível em:

<https://www.google.com/search?q=Gauguin+citations+le+sens+de+la+vie&oq=Gauguin+citations+le+sens+de+la+vie>

- COLERIDGE, Samuel Taylors, *A Lay Sermon Addressed to the Higher and Middle Classes on the Existing Distresses and Discontents*, London: Gale & Ferner, 1817.
- COTTINGHAM, John, *On the Meaning of Life (Thinking in Action)*, Oxford: Routledge, 2002.
- DANTO, Arthur, *Encounters and Reflections: Art in the Historical Present*, New York: Noonday Press, 1990.
- DESCARTES, René, *Les Passions de l'âme* [1649], Acessível em: [http://philosophie.ac-creteil.fr/IMG/pdf/Les\\_passions\\_de\\_l\\_ame.pdf](http://philosophie.ac-creteil.fr/IMG/pdf/Les_passions_de_l_ame.pdf)
- EINSTEIN, Albert, *The World as I See It*, Create-Space Independent Publishing Platform, 2014. (Tradução do original alemão *Mein Weltbild. Wie ich die Welt sehe*, 1949). Acessível em: <http://www.einsteinandreligion.com/worldsee.html>
- ELLUL, Jacques, *Le Système technicien*, Paris: Cherche Midi, 2012 [1977].
- FERRY, Luc, *La Révolution Transhumaniste*, Paris: Plon, 2016.
- PAPA FRANCISCO - *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Actual*. Acessível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)
- Mensagem do Santo Papa Francisco ao World Economic Forum Annual Meeting 2014. Acessível em: <https://www.weforum.org/agenda/2014/01/pope-francis-message-davos-2014/>
- FREUD, Sigmund, *New Introductory Lectures on Psycho-analysis*, London: Hogarth Press, 1933. Acessível em: [https://manhattanpsychoanalysis.com/wp-content/uploads/readings/Subramanian\\_Freud\\_II\\_upload/Freud\\_New\\_Introductory\\_Lectures\\_On\\_Psycho\\_Analysis.pdf](https://manhattanpsychoanalysis.com/wp-content/uploads/readings/Subramanian_Freud_II_upload/Freud_New_Introductory_Lectures_On_Psycho_Analysis.pdf)
- FROMM, Erich, *Marx's Concept of Man* [1961], Eastford: Martino Fine Books, 2011. Acessível em: <https://www.marxists.org/archive/fromm/works/1961/man/ch04.htm>

- GAUGUIN, Paul, *The Letters of Paul Gauguin to Georges Daniel de Monfreid*, New York: Dodd, Mead, Co., 1922. Acessível em: <https://archive.org/details/letterspaulgaug00gauggoog>
- HORKHEIMER, Max, *The Eclipse of Reason*, Continuum International Publishing Group, 2004, [1947].
- HUME, David, "The Standard of Taste" [1757] in *Philosophy of Art and Aesthetics from Plato to Wittgenstein*, New York: Harper & Row, 1969, pp. 115-130.
- HURSTHOUSE, Rosalind, *On Virtue Ethics*, Oxford: Oxford University Press; 2002, [1999].
- KANT, Immanuel, *The Critique of Judgment*, Oxford: Clarendon Press, 1969. Tradução do original alemão *Kritik der Urteilskraft* [1790].
- LUCIE-SMITH, Edward, *Symbolist Art*. London: Thames & Hudson, 2001.
- MILLGRAM, Elijah, *Life in the Projects: John Stuart Mill and the Meaning of Life*, University of Princeton, 2016. Acessível em: <http://www.elijahmillgram.net/lip.pdf>
- MARROU, Henri-Irénée, *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, Paris: E. Boucard, 1949.
- MESSERLY, John G., *The Meaning of Life: Religious, Philosophical, Transhumanist, and Scientific Perspectives*, Seattle: Darwin & Hume Publishers, 2013.
- MORRIS, THOMAS V., *Pascal and the Meaning of Life*, Eerdmans, 1992.
- NUSSBAUM, Martha & Amartia Sen, *The Quality of Life*, Oxford: Clarendon Press, 1993.
- NUSSBAUM, Martha, *Anger and Forgiveness: Resentment, Generosity, Justice*, Oxford: Oxford University Press, 2016.
- "Compassion: The Basic Social Emotion", *Social Philosophy and Policy* 1996,13 (1) p. 27.
- PASCAL, Blaise, *Pensées*, Ed. Michel Le Guern, Paris: Gallimard, 2004 [1670]. Acessível em: <http://www.penseesdepascal.fr/>
- ROUSSEAU, Jean Jacques, *Oeuvres complètes*, Paris: Gallimard, 1959–1995.
- SCHOPENHAUER, Arthur, *On the Basis of Morality*. (Tradução inglesa de *Über die Grundlage der Moral*, 1840), Providence: Berghahn Books, 1995.

SEACHRIS, Joshua W./ Thaddeus Metz (Eds.), *Exploring the Meaning of Life: An Anthology and Guide*, Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

SPINOZA, Baruch, *The Collected Writings of Spinoza*, Princeton: Princeton University Press, vol. 1: 1985; vol. 2: 2016.

TILLICH, Paul, *Love, Power and Justice - Ontological Analyses and Ethical Applications*, Oxford: Oxford University Press, 1960.

WEBER, Max, *Essays in Sociology*, London: Psychology Press, 1991. Tradução Inglesa do original alemão [1948].

WILLIAMS, Steve Stewart, *Darwin, God and the Meaning of Life*, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, Oxford: Blackwell, 1963. Tradução Inglesa do original alemão [1921].

### RESUMO

Inspirada por Paul Gauguin, atribui a este artigo, em que faço uma "Breve Reflexão sobre o Sentido da Vida", o mesmo título que o artista deu a uma das suas famosas pinturas. Trata-se de uma das mais fascinantes e difíceis questões sobre as quais os homens, desde sempre, se têm debruçado sobretudo na nossa cultura cada vez mais secularizada. A fim de se fazer uma investigação sobre o tema, têm de se ler várias obras, tais como, entre outras, as de Sto. Agostinho, Descartes, Freud, Camus, Spinoza, Pascal, Darwin, Wittgenstein, Marx, Schopenhauer, Shakespeare e Beckett. Hoje em dia, num mundo que necessita urgentemente de redenção, entre elas, destaco a Carta de S. Tiago e a Encíclica *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI. A fim de reflectir mais profundamente, cito também Sartre, Albert Einstein e o Papa Francisco assim como Martha Nussbaum, que, através da sua vasta obra, nos diz que apenas uma existência bem vivida e virtuosa permite a felicidade e aborda o tema da importância e da necessidade de reforma da pedagogia na nossa sociedade deshumanizada, onde há declínio da imaginação, do julgamento independente e da capacidade de resistir à manipulação. Relativamente ao perigo de se reduzir a motivação dos homens apenas a questões económicas, sendo, actualmente, as pessoas avaliadas pelo seu poder de compra e ao facto de o pragmatismo reflectir "uma sociedade que não tem tempo para recordar e meditar" e na qual a procura da verdade e de um objectivo com sentido perderam o seu lugar e deixaram de ser apelativos, alguns culpam a idealização da tecnologia e o mito do progresso científico, havendo, por isso, uma racionalização da vida social, económica e administrativa que enfatiza a importância crucial da reflexão e de actuação ética. Ao referir-me à sabedoria dos grandes intelectuais do passado, estou implicitamente a fazer uma escolha e, portanto, de certo modo, a dar uma perspectiva pessoal, embora sabendo que nunca haverá uma palavra conclusiva sobre a questão em parte porque cada um de nós tem de fazer as perguntas certas para ter respostas

que o satisfaçam. Há também, de uma perspectiva menos otimista, que ter em consideração todos os aspectos que parecem despojar a vida de sentido, tais como a morte, o sofrimento, a doença e a fome, que nos fazem pensar se vale a pena vivê-la e se a auto-realização é, de facto, um ideal coerente.

No final da minha demanda e tendo em consideração as leituras feitas, concluo que, embora não haja uma prescrição clara para se viver uma vida com sentido, são as capacidades e as vulnerabilidades dos seres humanos que lhes permitem actuar responsabilmente, demonstrando ter pelos outros a mesma consideração que têm por si próprios, e podendo assim viver em conjunto e sentir reciprocidade e amizade. Temos também de estar conscientes que cada pessoa que tem um comportamento virtuoso contribui para o bem estar de todos o que é uma pré-condição para a felicidade generalizada pois actuar eticamente e com sabedoria torna o mundo melhor e a virtude é facilitada pela compaixão e pelo amor, que levam ao altruísmo, à colaboração e à partilha, dando, portanto, sentido à vida.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Gauguin; Sentido da Vida; Redenção; Reforma

#### **ABSTRACT**

Inspired by Paul Gauguin, I have given this article, in which I briefly reflect on the "Meaning of Life", the same title the artist gave to one of his famous paintings. It refers to one of the most fascinating and difficult questions about which men have always pondered mainly in our more and more secularized culture. In order to do research on the topic, one has to read several works, such as, among others, the ones by Augustine, Descartes, Freud, Camus, Spinoza, Pascal, Darwin, Wittgenstein, Marx, Schopenhauer, Shakespeare and Becket. Nowadays, in a world, which urgently requires redemption, among them, I emphasize, the Epistle of James and the Encyclical Letter *Caritas In Veritate* of the Supreme Pontiff Benedict XVI. In order to reflect more deeply, I also quote Sartre, Albert Einstein and Pope Francis as well as Martha Nussbaum, who, in her vast bibliography, tells us that only a well lived and virtuous existence permits happiness and she refers to the theme of the importance and need of change in education in our dehumanized society, in which there is a decline of imagination, of independent judgment and of the capability to resist manipulation. As to the danger of reducing men's motivations only to economical matters, and thus people, nowadays, being evaluated by their acquisitive power and to the fact that pragmatism reflects "a society that does not have time to remember and to meditate" and in which the search for truth and for a meaning have lost their place and ceased to be appealing, some blame the idealization of technology and the myth of scientific progress, having, thus, a rationalization of social, economic and administrative life that emphasizes the crucial importance of reflection and ethical action. Referring to the wisdom of the ancient intellectuals of the past, I am implicitly making a choice and therefore, in a certain way, giving a personal perspective, although I know that there will never be a conclusive word on this question partly because each one of us has to ask the right questions to obtain answers that will satisfy him. From a less optimistic perspective, we must also consider every aspect that seems to deprive life from meaning, such as death, suffering, illness and hunger, that make us wonder if it is worth living and if self-

realization is, indeed, a coherent ideal. At the end of my journey, and having in consideration the readings I have made, I conclude that, although there is not a clear prescription to live a life with meaning, I think that the capabilities and the vulnerabilities of human beings allow them to act responsibly, thus showing that they have for others the same consideration they have for themselves, and therefore being able to live together and feel reciprocity and friendship. We must also be conscious that each one of us who has a virtuous behaviour contributes to the "common good", which is a precondition for general happiness, for acting ethically and with wisdom makes the world better and virtue is facilitated by compassion and by love, which lead to altruism, collaboration and sharing thus giving a meaning to life.

#### **KEY-WORDS**

**Gauguin; Meaning of life; Redemption; Reform**

